

---

# terra roxa

## e outras terras

Revista de Estudos Literários

---

### O CARÁTER DESTRUTIVO, DE WALTER BENJAMIN<sup>1</sup>

Alberto Klein<sup>2</sup> (UEL)

RESUMO: Inspirado na obra do arquiteto Adolf Loos (1870-1933), o filósofo e ensaísta alemão Walter Benjamin (1892-1940) publicou em 1931 “O caráter destrutivo”, um pequeno texto em que busca delinear o anseio humano pela destruição. Valendo-se de uma abordagem genérica, porém não superficial, Benjamin compreende a destruição como um elemento central da modernidade.

PALAVRAS-CHAVE: Walter Benjamin; “O caráter destrutivo”; destruição; modernidade.

### THE DESTRUCTIVE CHARACTER, BY WALTER BENJAMIN

ABSTRACT: Inspired by the work of architect Adolf Loos (1870-1933), German philosopher and essayist Walter Benjamin (1892-1940) published in 1931 “The Destructive Character,” a short text in which he seeks to delineate the human yearning for destruction. Using a generic but not superficial approach, Benjamin understands destruction as a central element of modernity.

KEYWORDS: Walter Benjamin; “The Destructive Character”; destruction; modernity.

Recebido em 12 de abril de 2023. Aprovado em 25 de abril de 2023.

Nota editorial: O presente dossiê, sobre “Literatura e Tecnocultura”, tem como norte vislumbrar como “as práticas literárias contemporâneas, em face da natureza radical das mudanças tecnoculturais e do regime dos corpos midiáticos, tornaram-se complexas enquanto sintoma de um ser/estar no mundo agenciado e performatizado pela tecnologização”. Nesse sentido, torna-se interessante visitar o ensaio “Der destruktive Charakter” de Walter Benjamin, aqui traduzido, em que o renomado ensaísta explora o conceito de destruição como uma força fundamental na sociedade moderna. Ao examinarmos as tendências destrutivas manifestadas em vários aspectos da cultura contemporânea, como a busca implacável pelo progresso, a mercantilização da natureza e a erosão de valores tradicionais e relacionamentos sociais, necessário se faz refletir sobre os efeitos prejudiciais que elas têm sobre indivíduos e sociedade.

---

<sup>1</sup> Tradução de BENJAMIN, Walter. Der destruktive Charakter. *Gesammelte Schriften*. Hrsg. Tilman Rexroth. Vol. 4.1. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972. 396-398. Disponível em: <https://archive.org/details/GesammelteSchriftenBd.4>

<sup>2</sup> [acaklein1973@gmail.com](mailto:acaklein1973@gmail.com) - <https://orcid.org/0000-0002-5701-0328>

É possível, numa retrospectiva da vida, que alguém venha a reconhecer que a quase totalidade dos vínculos profundos que lhe afetou seja de pessoas cujo “caráter destrutivo” ninguém discordou possuir. Um dia, talvez por acaso, ele esbarre com o fato de que quanto maiores os deslocamentos operados pelo choque, maior será sua chance de conferir uma representação do caráter destrutivo.

O caráter destrutivo conhece apenas uma língua: criar espaços; apenas uma atividade: limpar. Sua necessidade de ar fresco e espaços limpos é mais forte que qualquer ódio.

O caráter destrutivo é jovem e alegre. Pois, destruir rejuvenesce, ao remover os traços de nossa própria idade do caminho; e revigora, porque toda remoção representa ao destruidor uma redução perfeita, na verdade, um enraizamento de sua própria condição. Esta imagem apolínea do destruidor decorre diretamente da percepção do quanto o mundo tremendamente se simplifica, quando testado em seus méritos para ser destruído (*Zerstörungswürdigkeit*). Este é o grande laço que envolve pacificamente tudo que existe. Esta é uma perspectiva que rende ao caráter destrutivo um espetáculo de profunda harmonia.

O caráter destrutivo está sempre revigorado em seu trabalho. É a natureza que lhe imprime o ritmo, pelo menos indiretamente; pois ele deve antecipar-se a ela, senão assumirá ela mesma a tarefa de destruir.

Ao caráter destrutivo nenhuma imagem se apresenta. Ele possui poucas necessidades, e a menor delas é a seguinte: saber o que colocar no lugar do que foi destruído. Primeiramente, por um breve momento minimamente, o espaço vazio, onde estava a coisa, a vítima e o lugar em que vivia. Ele logo encontrará alguém que precise dele sem tomá-lo.

O caráter destrutivo realiza seu trabalho, esquivando-se apenas do criativo. Assim como o criador busca em si mesmo a solidão, deve o destruidor continuamente cercar-se de pessoas, de testemunhas de sua eficácia.

O caráter destrutivo é um sinal. Tal como um signo trigonométrico exposto aos quatro ventos, ele está sujeito ao falatório de todos os lados. Protegê-lo contra isso não faz sentido.

O caráter destrutivo não está de modo algum interessado em ser compreendido. Ele considera superficiais os esforços neste sentido. Ser mal compreendido não lhe faz mal algum. Pelo contrário, ele desafia a falta de compreensão, tais quais os oráculos, essas instituições destrutivas do estado, o fizeram. O mais pequeno burguês de todos os fenômenos, a fofoca, só acontece porque as pessoas desejam ser compreendidas. O caráter destrutivo permite-se ser mal compreendido; ele não requer a fofoca.

O caráter destrutivo é inimigo do homem-estorjo (*Etui-Menschen*). O homem-estorjo busca seu conforto, e a caixa é seu epítome. O interior da caixa é aquele traço revestido de veludo que ele imprimiu ao mundo. O caráter destrutivo borra até mesmo os traços da destruição.

O caráter destrutivo opõe-se aos tradicionalistas. Alguns transmitem coisas, tornando-as intocáveis e conservando-as; outros formam a ocasião em que as convertem em objetos palpáveis e as liquidam. Estes são considerados destrutivos.

O caráter destrutivo tem a consciência do homem histórico, cuja paixão é uma desconfiança indomável do curso das coisas, além da disposição em perceber que, com ele, a qualquer tempo, tudo pode dar errado. Por isso, o caráter destrutivo é a própria confiança.

O caráter destrutivo em nada vê permanências. Precisamente por isso, vê em todos os lugares caminhos. Onde os outros se defrontam com muros ou montanhas, também ali ele enxerga um caminho. E porque em todos os lugares vê um caminho, deve, em todos os lugares, desobstruir o caminho. Nem sempre com violência bruta; às vezes, com refino. Como em toda parte ele vê um caminho, está sempre numa encruzilhada. Nenhum momento pode antecipar o que o próximo traz. O que existe ele deixa em escombros, não por causa dos escombros, mas sim por causa do próprio caminho que os atravessa.

O caráter destrutivo não vive do sentimento de que a vida vale a pena, mas de que o suicídio não compensa o esforço.